



BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES

CONCEPTUAL BASES OF LOGOTHERAPY AND ITS CONTRIBUTIONS TO COMPREHENSIVE CARE AND SELF-REGULATION OF VALUES

BASES CONCEPTUALES DE LA LOGOTERAPIA Y SUS APORTES AL CUIDADO INTEGRAL Y AUTORREGULACIÓN DE VALORES

Rui Carlos Stockinger¹, Thiago Assinger Cavalcante², Marcelo Sili Reis³, Cléia Zanatta⁴, Cláudio Manoel Luiz de Santana⁵, Luiz Fabio Domingos⁶

e371621

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i7.1621>

PUBLICADO: 07/2022

RESUMO

O existir humano pressupõe a vivência de âmbitos diversos, diferentes entre si, mas que se imbricam na constituição de um único ser. Aspectos biológicos, psicológicos, sociais e espirituais fazem parte dessa constituição humana e têm importância ímpar para a vida de cada pessoa. Em vista de uma sociedade onde predominam modelos de saúde segmentários, que limitam a abordagem do cuidado aos aspectos biopsíquicos, pelos quais o conceito de saúde corresponde à simples ausência de doença, este artigo propõe uma abordagem teórica de cuidado integralizado, a partir de contribuições da Logoterapia e da autorregulação de valores. Inicialmente, o estudo procurou trazer aspectos conceituais atrelados à noção de cuidado. Como resultado desta pesquisa bibliográfica, assinala-se que as bases teóricas da logoterapia tendem a contribuir de maneira singular para o dimensionamento da concepção de cuidado em saúde integral e que o processo autorregulatório, envolvendo valores éticos, mostra um potencial prático importante para o uso de modelos de cuidado, baseados na Logoterapia e Análise Existencial. O desfecho do artigo sugere, entretanto, com o fim de evitar confusões conceituais e o emprego equivocado de conceitos, maior aprofundamento no estudo teórico do existencialismo de *Max Scheler* e da Logoterapia de *Viktor Frankl*.

PALAVRAS-CHAVES: Existencialismo. Cuidado. Saúde Integral. Psicologia. Logoterapia. Valores. Autorregulação.

ABSTRACT

Human existence presupposes the experience of different areas, different from each other, but which are intertwined in the constitution of a single being. Biological, psychological, social and spiritual aspects are part of this human constitution and have unique importance for the life of each person. In view of a society where segmental health models predominate, which limit the approach of care to biopsychic aspects, by which the concept of health corresponds to the simple absence of disease, this article proposes a theoretical approach to integralized care, based on contributions of logotherapy and self-regulation of values. Initially, the study sought to bring conceptual aspects linked to the notion of care. As a result of this bibliographical research, it is pointed out that the theoretical bases of logotherapy tend to contribute in a singular way to the dimensioning of the conception of comprehensive health care and that the self-regulatory process, involving ethical values, shows an important practical potential for the use of care models, based on Logotherapy and Existential Analysis. The outcome of the article suggests, however, in order to avoid conceptual confusions and

¹ Universidade Católica de Petrópolis - UCP

² Universidade Católica de Petrópolis - UCP

³ Universidade Católica de Petrópolis - UCP

⁴ Universidade Católica de Petrópolis - UCP

⁵ Mestre em psicologia pela Universidade Católica de Petrópolis – UCP. Teólogo e Filósofo

⁶ Mestre em psicologia pela Universidade Católica de Petrópolis – UCP. Teólogo e Filósofo



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

the mistaken use of concepts, further deepening the theoretical study of max scheler's existentialism and Viktor Frankl's Logotherapy.

KEYWORDS: Existentialism. Care. Comprehensive Health. Psychology. Logotherapy. Values. Self-regulation.

RESUMEN

La existencia humana presupone la experiencia de diferentes áreas, diferentes entre sí, pero que están entrelazadas en la constitución de un solo ser. Los aspectos biológicos, psicológicos, sociales y espirituales forman parte de esta constitución humana y tienen una importancia única para la vida de cada persona. Ante una sociedad donde predominan los modelos de salud segmentarios, que limitan el abordaje de la atención a aspectos biopsíquicos, por los que el concepto de salud corresponde a la simple ausencia de enfermedad, este artículo propone un enfoque teórico de la atención integralizada, basado en aportes de logoterapia y autorregulación de valores. Inicialmente, el estudio buscó traer aspectos conceptuales vinculados a la noción de cuidado. Como resultado de esta investigación bibliográfica, se señala que las bases teóricas de la logoterapia tienden a contribuir de manera singular al dimensionamiento de la concepción de la atención integral de la salud y que el proceso de autorregulación, involucrando valores éticos, muestra un importante potencial práctico para el uso de modelos de atención, basados en la Logoterapia y el Análisis Existencial. El resultado del artículo sugiere, sin embargo, para evitar confusiones conceptuales y el uso erróneo de conceptos, profundizar aún más el estudio teórico del existencialismo de Max Scheler y la Logoterapia de Viktor Frankl.

PALABRAS CLAVE: Existencialismo. Cuidado. Salud Integral. Psicología. Logoterapia. Valores. Autorregulación.

INTRODUÇÃO

Quando se pensa em saúde, o que vem à mente das pessoas? Embora no cenário social já existam filosofias de cuidado em saúde com concepções mais amplas, procurando contemplar o ser humano em suas diversas necessidades e domínios, ainda predominam modelos concentrados nos aspectos biológicos que interferem no processo saúde-doença (WESTPHAL, 2000). Face a tal realidade, este artigo aborda o conceito de cuidado, a partir de uma perspectiva existencial, que considera e contempla a unicidade do humano em suas dimensões biopsicossocial e espiritual. Para isso, a compreensão e a projeção do que consiste este cuidado integral foi empreendida a partir de contribuições da Logoterapia e do processo autorregulatório de valores, por meio de pesquisa bibliográfica de livros e artigos sobre o tema.

A Logoterapia aparece neste artigo de maneira singular como elo para traçar um entendimento mais amplo da noção de cuidado integral, visto que se pauta numa antropologia que admite uma dimensão propriamente humana, colocando a pessoa em contato com valores e, conseqüentemente, com o binômio liberdade/responsabilidade, “faces indissociáveis de uma mesma moeda”, e com a singularidade do existir, a partir da vivência de situações únicas e irrepetíveis (FRANKL, 2020b). À medida em que o estudo das bases da Logoterapia se desenvolve e avança nesta pesquisa, nota-se despontar uma abordagem objetiva de valores, peculiar e pouco comum



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

para os tempos atuais, mas que tende a reforçar, ainda mais, a autenticidade e a unicidade do processo existencial (CADENA; CASTANON, 2020).

Outra preocupação deste estudo foi de apresentar o processo da autorregulação como mecanismo mediador da busca e da realização de valores, a fim de tecer ou aventar um posicionamento humano-existencial de cuidado trans-subjetivo ou autotranscendente que, através da decisão de cuidar do outro e da vida, termina por favorecer o cuidado de si mesmo (FRANKL, 1989 *apud* SILVEIRA; GRADIM, 2015). Essa interface foi desenvolvida teoricamente a partir da correlação entre a noodinâmica logoterapêutica e a autorregulação de valores. Enquanto a primeira ideia propõe uma dinâmica existencial do “ser” que se dirige consciente e voluntariamente para o “dever-ser” (AQUINO, 2013), a segunda oferece um processo autodirigido (ZIMMERMAN, 1995) que visa auxiliar no caminho para que este “ser” *presente* realmente se torne aquele “dever-ser” *futuro*.

1. A unicidade da pessoa e o cuidado integral

O conceito do cuidado que servirá de base neste artigo relaciona-se a uma visão de integralidade indivisível do ser humano. Pretende-se utilizá-lo como um substrato para este paradigma que não apenas se esmera nos conceitos de doença, cura e tratamento, mas, que antes disto, busca o elo subjacente ao humano em suas relações autônomas ou não, de construção e desconstrução de suas possibilidades de saúde versus doença, em uma perspectiva que engloba a autopercepção de várias áreas do si mesmo e que perpassa suas possibilidades de empoderamento e apropriação de si de forma autoconsciente, visando o desenvolvimento, atualização, sentido e qualidade de vida.

Pode-se afirmar a existência de diversas visões em saúde pouco integradoras dos vários aspectos do humano, este visto muitas vezes a partir apenas de uma ou poucas de suas facetas, seja pelos modelos de saúde especializados ou pelo aproveitamento de uma mídia que intenciona fomentar modelos de comportamentos obstinados e estreitos em saúde, negando a totalidade das várias necessidades humanas que confluem em direção ao seu desenvolvimento integral.

O cuidado aqui é entendido como uma experiência fluida e temporal, a partir de uma visão valorativa contínua, relacionada à construção de projetos de sentido de vida, de forma autorregulada, em contraponto ao imediatismo estreito das realizações desprovidas de valores próprios e originais. Visa confrontar a diferença entre tratar e cuidar, fazer e realizar, distinguindo o desejo trivial do desejo-cuidado.

Heidegger (1999) acena para o cuidado em uma perspectiva de autenticidade, no qual a pessoa estaria liberta de comportamentos obstinados que seguem em apenas uma direção ou outra, de forma automática. Portanto, permitindo uma abertura a um movimento de devir sistêmico, podendo estar em contato com a mutável e dinâmica hierarquia de necessidades que permeiam o humano naquele momento existencial e temporal. Confronta-se esta visão com aspectos formadores de uma mentalidade utilitarista e de resultado, como a do pragmatismo de Mill (2019), geradora de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

possíveis aspectos da identificação da pessoa com um determinado grupo na sociedade de consumo, o estabelecimento de padrões rígidos de comportamento e a internalização de necessidades artificiais, que somadas ao imediatismo e ao estímulo à plena ocupação do tempo, retiraria a possibilidade do contato da pessoa com seu todo constituinte, momentâneo, já que ela pouco experimentaria a angústia do nada que lhe daria condições de estruturar-se e constituir-se no cuidado através do tempo alargado.

Tal conquista dar-se-ia, apenas, quando características contemporâneas da sociedade capitalista-consumista pudessem ser manuseadas com autonomia pelas pessoas, opondo-se ao modelo determinista que impõe uma visão unilateralizada da pessoa sobre si mesma, identificado muitas vezes como cuidado.

Uma atenção múltipla e propositalmente descentrada, que cria a possibilidade de levar o sujeito a ver-se sob vários ângulos e formas, romperia com a dogmatização dos padrões rígidos e nem sempre conscientes de conduta e obstinação, permitindo, assim, ao invés de uma atenção seletiva por controles externos, uma aproximação do todo constituinte e então do modo real e singular do exercício do cuidado, o desejo- cuidado, possibilidade de novas e originais opções e escolhas, fruto da tomada do existir, da totalidade e atualização orgânica.

Assim, considera-se aspectos da sociedade capitalista-consumista que encarna valores mercadológicos que vislumbram uma roupagem de cuidado em alguns empreendimentos de saúde, preconizando que tal ato ou conduta, que invariavelmente se modifica com o modismo, significa cuidado e apreço por si mesmo, o que nem sempre se afina com a perspectiva conceitual de cuidado descrita: que significaria a tomada de consideração do todo constituinte, o qual nos forma como o ser bio-psico-social-cultural e espiritual (SANTANA; ZANATTA, 2021).

Neste ínterim, por meio de uma visão integral e do contato com as várias áreas que definem a existência, como a pessoal, a familiar, a profissional, a social, a espiritual, desvela-se um processo mutável e dinâmico. Desta forma, a relação de cuidado abrangeria o denominador comum e dinâmico entre constituir-se do ponto de vista singular e ser constituído quanto aos aspectos de saúde em jogo, permitindo uma “leitura” quanto à necessidade predominante naquele instante, sem perder, entretanto, as demais de vista.

Com a implementação de necessidades artificiais, muitas pessoas as incorporam como sendo naturais, assim como, quanto aos modelos de comportamento de “cuidados em saúde”, que muitas vezes são incompatíveis com as reais necessidades singulares da pessoa naquele instante temporal. Portanto, alguns modelos que, invariavelmente, levam as pessoas a abrirem mão de forma não consciente do contato com sua totalidade criadora, passam a incorporar modelos uniformes, unilaterais e obstinados de conduta, vindo a romper, conseqüentemente, com a hierarquia momentânea de suas necessidades reais que se modificariam constantemente e implicariam em liberdade de escolha.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

Para Boff (1999), segundo clássicos dicionários de filologia, alguns estudiosos derivam o termo cuidado do latim *cura*, usada num contexto de relações de amor e amizade. Também distingue duas formas de ser-no-mundo: a primeira, o modo-de-ser, trabalho que ocorreria pela interação e pela intervenção, sendo a primeira forma mais característica do homem primitivo. Já o modo-de-ser-cuidado não se oporia ao do trabalho, mas trar-lhe-ia tonalidades diferentes. A relação não é sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito e os seres não seriam apenas pensados, mas experimentados. A relação não seria de domínio, mas de convivência e a centralidade não seria mais ocupada pelo logos razão, mas pelo *pathos* sentimento.

Na visão do biólogo Maturana (1999), o impedimento destas relações comprometeria os acoplamentos estruturais imprescindíveis para a manutenção e evolução das espécies. Sem a experiência do cuidado, o homem deixa de ser humano. Se não receber cuidado desde o nascimento até a morte, desestrutura-se, define, perde o sentido e morre. Assim, Boff (1999) define que a essência singular do ser humano é colocar cuidado em tudo o que projeta e faz.

Portanto, o ser se revelaria no tempo, nos modos de ser – e, só assim. Já o ente não, seria o momento. Logo, para a ação do cuidado, precisa-se da consciência da temporalidade, desta amplitude que envolve o passado, presente e o futuro a médio e longo prazo. Como diz Heidegger (1999) “a pre-sença (tradução de *Dasein* para o português) é o seu passado no modo de seu ser, o que significa, que ela sempre acontece a partir de seu futuro” (HEIDEGGER, 1999, p. 48). Ele considera a temporalidade como fundamental na avaliação da constituição do ser, enquanto Maturana e Varela (1995) afirmam que nossa estrutura atual será produto das relações que estabelecemos ao longo de um determinado tempo, ou seja, deve ser considerado desta maneira.

O conceito de *autopoiese* de Maturana (1995) demonstra que a característica comum entre os seres vivos é a produção de componentes que produzem a própria rede de relações que os geram. Portanto, os seres vivos se caracterizam por continuamente se produzirem a si mesmos. Em Ayres (2004), a temporalidade da existência, isto é, as experiências de passado, presente e futuro não são, senão, expressão desse estar projetado e projetando que marca esse modo de ser humano – o futuro sendo sempre a continuidade do passado que se vê desde o presente, e o passado aquilo que virá a ser quando o futuro que vislumbramos se realizar. Heidegger (1995), fala da “curadoria” que o homem está sempre exercendo sobre a sua própria existência e a do seu mundo, nunca como ato inteiramente consciente, intencional ou controlável, mas sempre como resultado de uma autocompreensão e ação transformadoras.

Em seu livro *Ser e Tempo*, Heidegger (1999) mostrou que realidades tão fundamentais como o querer e o desejar encontram-se enraizadas no cuidado essencial, ou seja, somente a partir da dimensão do Cuidado eles emergiriam como realizações do humano. O cuidado seria, então, uma constituição ontológica subjacente a tudo o que o ser humano empreende, projeta, faz e interpreta o Ser a partir do mundo, tendo, todavia, o risco de de-cair neste, e estabelecer-se então na impessoalidade; aquilo que Boff (1999) relata como a banalização do entretenimento e a valorização



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

da sociedade do espetáculo: medianidade. Entendê-la é fundamental para perceber como o homem decai na cotidianidade, de forma a banalizar e identificar-se com os meios e utensílios, vindo a perder o sentido maior do viver. A medianidade (HEIDEGGER, 1999) é a indiferença cotidiana da presença.

Portanto, para Heidegger (1999), o cuidado apresenta-se, do ponto de vista existencial a priori, antes de toda atitude e situação da presença, o que sempre significa dizer que ela se acha em toda atitude e situação de fato. O cuidado é sempre então ocupação e preocupação. Dentro desta perspectiva, o autor mostra que, no fenômeno do querer, transparece a totalidade do cuidado. Para ele, “a condição existencial de possibilidade de ‘cuidado com a vida’ e ‘dedicação’ deve ser concebida como cura num sentido originário, ou seja, ontológico” (HEIDEGGER, 1999, p. 265). Daí o autor em tal obra afirmar que a substância do homem é a existência.

Em uma tentativa de aproximação entre Rogers (1992) e Heidegger (1999), pode-se dizer que o primeiro também acreditou que o sentido próprio e singular da existência, a cada momento, assim como a detonação de forças orgânicas saudáveis, se dão a partir da liberdade experiencial direta, do vivido imediato, ou seja, produto da relação direta com o mundo, a nível pré-reflexivo. Como na manifestação direta do ser da presença, que só desta maneira poderia deslocar-se do ente para o movimento do ser. Afirma, ainda, que isto só se daria através da vivência da atualidade existencial do indivíduo. Lisboa (1998) refere que:

A entrega do cliente às dinâmicas de seu mundo pré-reflexivo, pré-conceitual, fenomenal, a entrega afirmativa do cliente a sua experiência, ao seu vivido, aos sentidos e fluxo ativo das experiências imediatas de seu corpo, possibilita um enorme potencial de autoregulação orgânica, de auto-equilíbrio e de mudança terapêutica e existencial (1998, p. 70).

O relacionar-se com alguém, com o outro numa maneira envolvente e significativa, é o que Heidegger (1981) chama de ‘solicitude’, que imbrica as características básicas do ter consideração para com o outro. Em contraste a esse modo de solicitude, há um outro que não consiste em ‘saltar sobre o outro’, mas em se ‘antecipar’ a ele em sua existencial possibilidade para-ser. Um modo em que não se protege o outro, mas em que, antes disso, faz-se com que ele se volte para si mesmo autenticamente, como pela primeira vez. Este outro modo de solicitude pertence essencialmente ao autêntico ‘cuidar – isto é, para com a existência do outro, para torná-lo transparente a si mesmo em seu cuidar e para torná-lo livre para si (HEIDEGGER, 1981).

Cuidar pode ser abordado como a tomada de consideração pelo todo constituinte que nos forma, como o bio-psico-social-cultural-espiritual, e nossa relação unitária com este. Digo, então, que na medida em que esta consideração pela visão global, pelo sentir-se vinculado à totalidade se manifesta, aí já existe o cuidado, significa nos considerarmos também constituintes destes aspectos.

Portanto, cuidar diz respeito a um contato anterior à divisão sujeito objeto, significa um experimentar o todo constituinte, a experiência ainda não separada. Ressalta-se aqui o modo de ser



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

ocupação descrito por Heidegger (1981), quando do desenrolar de uma existência inautêntica, a afetividade da presença centra-se no mundo. Tal internalização de necessidades artificiais, motivadora de forma não consciente de inúmeros comportamentos, sejam destrutivos ou positivos para a sociedade, são, em última instância, indicadores do grau de restrição de liberdade que os sujeitos possuem frente a suas próprias vidas. Por consequência, paulatinamente, ao incorporarem necessidades externas como próprias, adotam padrões de condutas e modelos de “cuidados em saúde”, perdendo não apenas o contato com as suas próprias necessidades, mas principalmente com o movimento de mudança na hierarquia destas.

Obstinadamente, podem dedicar-se muito em projetos com o corpo, mas abandonam suas necessidades valorativas psicológicas ou existenciais, ou debruçam-se demasiadamente em suas profissões enquanto abandonam suas vidas afetivas ou familiares, quando o cuidar estaria no equilíbrio mutável em todas estas dimensões, trazendo uma organização saudável e organizada a esta totalidade constituinte da pessoa.

Nesta direção, afirma-se com isto que, num dado momento existencial daquele indivíduo, cuidar exaustivamente do corpo pode fazer muito sentido para sua saúde, e então significar cuidado. Porém, não representa cuidado simplesmente realizar esta atitude se ela não possui representatividade significativa para aquela pessoa em termos de sua sabedoria orgânica, o que deixaria de ser cuidado para ser apenas um comportamento.

Ora, abrir mão deste comportamento e viver um bom momento de relaxamento e de menos atividades, também pode ser o mais necessário e imperioso na ordem hierárquica de necessidades, e, portanto, significar cuidado, uma vez que cada aspecto, o psicológico, somático, espiritual, afinem e integrem suas interfaces, de maneira que nenhum predomine ou sucumba ao outro, mas esteja a serviço de uma unidade orgânica supracente que vê em cada aspecto apenas um semblante de uma única face.

Dado o exposto, é plausível afirmar que a “cultura da obstinação” restringe de forma maciça a possibilidade deste contato com o Todo Estrutural. Primeiro, ao reduzir a atenção e a percepção do sujeito apenas para um foco: segundo, por identificar este com aquele comportamento; terceiro, por levar o indivíduo a acreditar que quando ele segue um modelo ou comportamento, ele deve negar imediatamente o outro. Não pode absorvê-lo. Edifica-se a cultura da ruptura.

Na Atenção Múltipla, o indivíduo seria capaz de estabelecer-se a partir de vários ângulos internos, assim como conseguir uma ampliação de seu campo perceptual a partir de uma atenção e narrativa que não se fixa patologicamente, mas que flutua em diferentes domínios de realidade, transitando a fim de oxigenar a mente de dados vários internos e externos, a se ver como produto de uma multiplicidade de facetas internas e externas, dos quais se é denominador comum, produtivo e decisivo quanto ao próprio futuro.

Ou seja, o rompimento do cuidado implica numa perda de contato com o todo experiencial momentâneo, que aqui redefino para todo constituinte daquele instante, que naquela oportunidade



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

pode apontar o sujeito numa direção para melhor atualizá-lo, em outra pode retomá-lo a outro caminho para melhor satisfazê-lo.

Numa cultura que impõe movimentos rígidos, unilateralmente dirigidos e, portanto, gera uma atenção coletiva seletivizada rigidamente para certas formas de pensamento, reduz-se a experiência sentida do contato com o si mesmo e, concomitantemente, o exercício da liberdade experiencial e de escolha, ambos relacionados e possivelmente produtivos para o sujeito e para o social quando relacionados ao todo circundante.

Como assegura Furrow (2007), muitas pessoas valorizam bens que se encontram em conflito ou seriam incompatíveis e essa ótica se aproxima da noção de cuidado, quando por valorizar demasiadamente meu emprego ou um que comporta as relações intra e intersubjetivas do sujeito no momento da constituição destas na relação com a totalidade circunstancial a o acúmulo de capital para a compra de um bem, o indivíduo acaba por se opor a ter tempo para a família que também me constitui. Assim, “para tirar satisfação tanto do emprego quanto da família, deve-se encontrar um equilíbrio que se permita apreender a riqueza de ambos, sem que isso demande que se maximize o desfrute de qualquer um dos dois” (FURROW, 2007, p. 138).

Quando isto ocorre, pode-se lembrar do conceito de decaimento e impessoalidade da presença em Heidegger (1999), quando ela (presença) é absorvida pelo mundo e há uma identificação com ele. Isto é, a possibilidade de doação de sentido pelo indivíduo a suas experiências pode comprometer subsídios para suas escolhas autênticas, já que o indivíduo em questão se identificaria com os entes, mas romperia com a dinâmica do ser, do se construir ontologicamente.

2. **Objetividade dos valores logoterapêuticos, liberdade e autenticidade**

A sociedade atual, que estimula vivências dentro de uma ordem determinista, automatizada e utilitarista, desafia o equilíbrio de cuidado e faz parecer não ser possível cuidar ou gerar um projeto de vida, a médio ou longo prazo, que envolva a totalidade circunstancial e as várias facetas da dimensão humana. Nesse contexto, de aparente improbabilidade, a logoterapia com suas bases conceituais, bem como o processo autorregulatório de valores, ousam sugerir caminhos de autocompreensão, liberdade e realização existencial, que permitam a vivência do cuidado integral (SANTANA *et al.*, 2021a).

A logoterapia é tanto um modelo psicoterápico como análise existencial, sendo estas faces de uma mesma teoria. Como psicoterapia, a logoterapia se mostra um método estruturado que, apropriando-se de metas, procedimentos e técnicas facilitadoras específicas, pretende auxiliar pessoas que sofrem existencialmente a buscar e encontrar sentido em suas vidas (NASCIMENTO; CALDAS, 2020). Por outro lado, a análise existencial propõe a explicação da existência do ser humano em si, mas também a explicação ontológica daquilo que é a existência. Sendo assim, a análise existencial é a tentativa de uma antropologia ou de uma visão de homem voltada para entender melhor o humano e ajudá-lo terapeuticamente (FRANKL, 2017).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

A visão antropológica apontada pela logoterapia mostra-se afinada com a concepção de cuidado integral aventada neste artigo, pois pensa a imagem do homem como um ser constituído por um tríplice dimensão: psicofísica e espiritual (ou noética), esta última propriamente humana, onde se situam os valores, a consciência e o apreço por eles, exatamente o que diferencia o ser humano (SANTANA *et al.*, 2021b) dos outros seres. Segundo esta visão antropológica, todos os espectros do homem (o somático, o psíquico e o espiritual) são importantes elementos formadores deste ser. Contudo, somente na unidade, na integralidade dessas três dimensões é que se compreende o humano. E mais, por ser o todo constituinte indivisível, o ser humano não se compreende adequadamente pelo conhecimento estanque dessas estratificações dimensionais, nem mesmo pela soma delas, tão somente pelo conjunto indissociável de cada uma dessas dimensões estruturantes (FRANKL, 2017).

Em meados do século XX, Frankl (2019) já apontava o caminho pluralista da ciência, de modo que cada disciplina científica termina por apresentar um recorte da realidade, às vezes, até dissonante entre si, mas que tais contradições não anulam ou contradizem a unidade do real. Em outras palavras, pode-se dizer que cada retalho científico tem sua importância e validade à medida em que não represente uma análise estanque da realidade. Segundo o autor, isso é verdadeiro também para a realidade humana. Utilizando-se de figuras geométricas, Frankl (2019) propôs uma analogia que explica a visão logoterapêutica sobre quem é essa pessoa abordada e cuidada pelas psicoterapias em geral.

Então, tomando como referência um cilindro, Frankl (2019) mostra que, a depender do recorte octogonal feito nele, sua representação geométrica figurará distinta, dando a entender que o objeto originário de cada uma das representações é também distinto, o que não corresponde à realidade. Embora em um corte vertical, o cilindro apresente-se pela imagem plana de um quadrado e, em um corte horizontal, o mesmo cilindro apresente-se pela imagem de um círculo, a unidade do todo não é nem um quadrado, nem um círculo, mas um cilindro. A mesma coisa vale para o homem, o nível biológico ocupa-se de aspectos somáticos do homem, o nível psicológico de aspectos psíquicos e o nível noético de aspectos propriamente humanos, como liberdade/autonomia, responsabilidade, escolha, solidariedade, cuidado, entre outras (FRANKL, 2019; FRANKL, 2020a).

Desta compreensão tridimensional de ser humano proposta pela logoterapia, insta ressaltar que o âmbito noético, ou propriamente humano, sobrepõe-se aos demais, fazendo do homem um sistema aberto ou não determinado pelos aspectos psicofísicos, mas livre para se autodeterminar. Trata-se daquela *unitas multiplex*, mencionada por Santo Tomás de Aquino (UCHÔA, 1943), ou seja, um todo que não anula os contrastes entre as particularidades constituintes das dimensões inferiores, pois possui uma dimensão superior que contempla e abrange as demais. Por essa razão, Frankl (2011) fala de uma unidade, apesar da diversidade. Quer dizer, embora circunstâncias somáticas, psíquicas e sociais venham exercer sua influência sobre o homem, este permanece livre para fazer suas escolhas por meio dos valores (ROSA; PULINO, 2020).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

A questão da liberdade, autenticidade e flexibilidade com que a pessoa escolhe as necessidades humanas a serem priorizadas ou satisfeitas para a consecução do cuidado que contemple a integralidade do ser é também tema oportunamente tratado pela logoterapia a partir da perspectiva peculiar da objetividade dos valores (SANTANA; ZANATTA, 2021).

Hodiernamente, entranhados numa cultura de extremo relativismo, estranha-se o apontamento de alicerces teóricos pautados na objetividade, especialmente se tratando de estudo científico na área de humanidades. No entanto, como se poderá observar linhas à frente em conceitos trazidos pela logoterapia, a objetividade dos valores é exatamente o que dá sustentação para vivências livres, autênticas e integrativas da pessoa humana (FRANKL, 2020).

A axiologia ou teoria dos valores de Scheler (2012) apresenta-se como pressuposto fundamental da logoterapia, enquanto modelo psicoterápico, pautado na análise existencial (CADENA, 2020). Os valores para Scheler (2012) são, a priori (anteriores ao ser), objetivos e materialmente realizados. Fazer menção à anterioridade dos valores significa dizer que estes precedem à consciência humana e aos próprios objetos pelos quais se manifestam. A visão fenomenológica de Scheler (2012) difere daquela pretendida por Husserl (2006), cujo ponto de partida se estabelece na consciência humana.

Para Scheler (2012), os valores, enquanto fenômeno, não se restringem à consciência, mas são compreendidos como “realidade objetiva”, existente no mundo inteligível e que, embora se revelem nos objetos ou seres que os portam, não se confundem com estes. Os valores não são qualidades ou atributos dos seus portadores, pois, se assim fosse, seriam parte de sua composição, o que não é verdade.

A oposição de Scheler (2012) quanto à ideia subjetivista da origem dos valores marca a sua divergência em relação à concepção axiológica de Kant (2017). Este defendia uma ética formalista, fundada no puro dever-ser, na pura norma, na pura lei da razão. Como assinala Barreto (1990), o ato ético kantiano se restringe a cumprir o dever, simplesmente porque se trata do dever, ou, por assim dizer, a norma. Conforme Scheler (1948) citado em Pereira (2000), a ética formal de Kant (2017) sustentou-se como base de compreensão para a “variabilidade” histórica e para a “diversidade das “valorações morais” dos povos e das raças. Portanto, a ideia da gênese subjetiva dos valores se encontra amparada no ceticismo moral da ideia histórica de que os valores “bom” e “mau” não seriam conteúdos da valoração, mas pura legalidade do querer.

Pois bem, segundo Pereira (2000), ao afirmar que um conteúdo pode ser “bom” ou “mau”, poderá provar então o argumento da ética em de Kant. Segundo Scheler (2012, p. 152), a afirmação do tipo “Bom é o que é desejado, ruim o que é rejeitado”, são pressuposições de toda teoria moderna que transforma os valores em geral, especialmente os éticos, em manifestações subjetivas da consciência humana. No entendimento do autor, na origem dessa representação axiológica moderna relativista, estão o ressentimento e a fraqueza do homem moderno, pontos que serão explicitados



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

mais à frente, quando for abordado o aspecto do mecanismo existencial logoterapêutico de um ser em direção a um dever-ser.

A seu turno, a ética de Scheler (2012) aponta para valores como qualidades objetivas, autônomas e independentes manifestas nos bens da vida, podendo ser intuídas, percebidas e apreendidas pela pessoa humana por intermédio de suas experiências existenciais. Os valores schelerianos, portanto, são imutáveis e estão no mundo, aguardando serem desejados e realizados de maneira singular pelas pessoas em seus encontros com a vida (CADENA; CASTANÓN, 2020).

Pensando o ser humano em sua integralidade, Frankl (2020) defende que a objetividade dos valores schelerianos possibilita a construção de uma liberdade legítima ou propriamente humana, ou seja, aquela que “anda de mãos dadas” com a responsabilidade. Isso porque a liberdade, numa análise última, fenomenológica, é o aspecto subjetivo do fenômeno existencial total e, nessa qualidade, ainda deve ser complementado pelo seu aspecto objetivo, que é a responsabilidade. Nas palavras do autor (2020):

“A liberdade de assumir uma atitude (...) nunca é completa se não for convertida e transformada na liberdade de assumir responsabilidade. A capacidade humana de “querer” permanece vazia na medida em que não for complementada com sua contrapartida objetiva, de querer o que eu “devo”. O que eu devo, no entanto, diz respeito a realização de valores, ao preenchimento do sentido concreto de minha existência pessoal.” (p. 53)

O mundo dos sentidos e dos valores pode ser corretamente nomeado de *logos* e este é o correlato objetivo do fenômeno subjetivo da existência humana. Ora, o caráter objetivo dos valores significa na visão logoterapêutica que sentir e realizar valores vai além da mera autoexpressão do sujeito em si ou mera exteriorização da vida interior, sendo, portanto, mais que realizar potencialidades latentes de um ser presente.

Em outros termos, sentir e realizar valores é existir numa relação temporal em que o ser do presente caminha em direção a um dever ser futuro. É de se notar que, caso os valores emergissem do próprio sujeito, ou seja, não fossem derivados de uma esfera para além do homem, como pensou Scheler (2012), perderiam imediatamente seu caráter imperativo, não podendo jamais desafiar, interpelar e orientar a pessoa em direção a uma realização significativa qualquer (FRANKL, 2020).

Em síntese, considerar valores como primariamente subjetivos é distanciar a pessoa humana de sua humanidade de significados e sentidos, aproximando-a, doutro modo, dos demais seres, que atuam no mundo por intermédio de impulsos instintivos e presos em um sistema existencial fechado nas esferas psicofísicas. À medida em que o homem contemporâneo perde a consciência sobre objetividade dos valores e sua força motivadora de um legítimo *dever* humano (aquele cheio de sentido), torna-se, segundo Frankl (2005), alvo fácil do niilismo e, consecutivamente, do conformismo e totalitarismo presente na sociedade atual. O conformismo consiste em fazer o que os outros fazem. O totalitarismo diz respeito a fazer o que outros querem que faça (FRANKL, 2005).

No âmago do conformismo e do totalitarismo, afirma Graig (1991), está um ser humano que vê na sociedade o sentido de sua vida. Uma pessoa, que experimenta espiritualmente (SANTANA *et*



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

al., 2021a) a vida nessas condições, lança fora, então, sua autenticidade e, conseqüentemente, sua liberdade. Por esvaziar-se da consciência de que a liberdade se concretiza por meio de uma existência livre e responsável, ou seja, por meio da combinação entre o querer e o dever ou entre a busca e a realização de valores objetivos, o homem contemporâneo acredita ser livre por deter o poder de determinar sua existência por intermédio de valores subjetivamente criados por sua própria mente. Entretanto, não sabe que, crendo e vivendo assim, desorienta-se pela perda dos valores e tradições, transformando-se em um fantoche da sociedade (FRANKL *apud* AQUINO, 2010) que não consegue mais decidir nada sozinho, e em um imitador dos outros ou em um “operário” que faz o que os outros impõem. Conforme relata Fabry (1990), sentimentos e ações dessa ordem bloqueiam a percepção e o desenvolvimento da unicidade pessoal.

Contraopondo-se a isso, a logoterapia apresenta uma visão de homem contemplado por um âmbito propriamente humano, o noético, onde situam-se valores, *a priori* primariamente intencionados e perseguidos, permitindo à pessoa uma abertura para que vá além dos condicionamentos corpóreos, psicológicos e sociais, tornando-se, portanto, livre para fazer escolhas e decidir dentre as possibilidades oferecidas pela vida. Segundo Frankl (2017), o homem pode ouvir ou não, pois é um ser livre. Quer dizer, o homem é livre para decidir se transcenderá às determinações externas e internas por intermédio da busca e realização de valores, ou ficará sob o domínio do conformismo e do determinismo (AQUINO, 2012).

Dois questionamentos muito comuns são feitos em torno da perspectiva objetivista dos valores logoterapêuticos: primeiro, se o fato dos valores serem objetivos não retiraria a autenticidade do sujeito quanto à opção ou escolha dos valores aos quais pretende pautar sua existência; segundo, em termos terapêuticos, se o uso de valores objetivos como substrato para o tratamento não induziria o psicoterapeuta a impor à pessoa que buscou ajuda uma lógica existencial pronta e acabada.

A logoterapia é o oposto disso, é liberdade e respeito à unicidade do indivíduo, permitindo-lhe abertura para o mundo e para a vida. O prisma logoterapêutico entende a objetividade dos valores como um fato, como uma realidade maior que a natureza humana, de modo que a mente de homens e mulheres não possuem ingerência sobre a formação ou constituição valorativa. Ora, de modo algum, o fato de não poder criar valores retira da pessoa sua liberdade para escolher os valores que quer implementar em suas relações e situações de vida. Segundo Frankl (1986, *apud* SILVEIRA; GRADIM, 2015), o sentido é algo subjetivo, na medida em que não há um sentido único para todos, mas sim um sentido para cada um, diante de cada situação.

Cada momento da existência concede à pessoa uma possibilidade única e irrepitível para escolher e vivenciar valores imutáveis. Por exemplo, os valores do “bem” ou do “cuidado”, lançando olhos sobre o tema de discussão neste estudo, serão sempre os mesmos, mas poderão ser buscados, encontrados e vividos de maneira única e singular por cada pessoa. Isso decorre do fato de as pessoas serem, impreterivelmente, diferentes entre si, dotadas de uma constituição corpórea e



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

psicológica única, de histórias distintas e envolvidas por situações únicas e irrepetíveis, em relação as quais precisarão dar uma resposta, que jamais se repetirá (FRANKL, 2019).

Do mesmo modo, o papel do logoterapeuta na condução de sua relação com a pessoa que busca ajuda ou tratamento é de completo respeito ao indivíduo, pois, segundo Frankl (1991), duas capacidades fundamentais formam o terapeuta: a individualização e a improvisação. A primeira delas permite ao terapeuta perceber a unicidade do paciente, não se deixando conduzir pela massificação do ser humano. A segunda permite que o terapeuta seja criativo na relação com o paciente. O encontro na terapia existencial, a exemplo da logoterapia, centra-se na dialógica. Sendo assim, Frankl citado por Aquino (2013), advoga o papel do logoterapeuta como aquele que através do diálogo socrático amplia o campo perceptivo do paciente para enxergar possibilidades de sentido”, fazendo com que a pessoa explore sua dimensão de liberdade noética em contraposição à factividade ou o determinismo interior ou ambiental.

3. Autorregulação de valores pelo viés da noodinâmica logoterapêutica

Além de livre, o ser humano é em essência um ser intencional e transcendente. Por um lado, possui primariamente uma vontade de dar sentido a sua existência, o que se faz pela busca e pelo encontro com valores. Frankl (2019) é enfático ao afirmar o equívoco de um existencialismo cujo “ser no mundo” se basta, se completa em si mesmo, se realiza aqui e agora. Para o autor, é preciso reconhecer que ser humano significa estar profundamente enredado a uma situação e confrontado com um mundo real e objetivo e, desse modo, mantém-se um existir numa relação de sujeito-objeto, isto é, entre o que “eu sou” e o que “eu devo”, entre o real e o ideal, entre o ser e o sentido (FRANKL, 2019). Então, ser humano significa ser em face de um sentido a ser preenchido e valores a realizar. Esse movimento do “ser” em direção ao “dever-ser” faz parte da constituição existencial humana e foi chamada por ele de noodinâmica.

A noodinâmica justifica-se na ideia de incompletude, de um ser humano falho, que precisa ir adiante, para além de si mesmo, a fim de aprimorar-se, levando-o à necessidade de autotranscender. A autotranscendência, segundo Frankl (2011), é a essência da existência e consiste no primado de ser o homem direcionado a algo para além de si mesmo.

A visão da pessoa humana como um ser incompleto, que deseja constantemente aperfeiçoar-se por intermédio da transsubjetividade (o rompimento de si mesmo) rumo ao mundo objetivo, à vida ou a uma outra pessoa, foi pensada anteriormente por Scheler (2012), especialmente quando em voga o sistema hierarquizado de valores proposto pelo filósofo.

A título ilustrativo, os valores espirituais ocupam uma posição elevada no escalonamento axiológico de Scheler, pois são próprios do homem. Na concepção scheleriana de pessoa, o ser humano diferencia-se dos demais seres vivos pelo “espírito”, uma dimensão que permite o homem objetivar e representar o meio de um modo singular, único. Aquino (2015, p. 77) menciona que “o espírito é um centro de atividade intencional”. Em consonância com Scheler citado por Gomes



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

(2003), o “espírito” no homem se caracteriza por: “seu desprendimento existencial do orgânico, sua liberdade, sua separabilidade – ou ao menos a separabilidade de seu centro existencial – ante os laços, a pressão e a dependência do orgânico, da ‘vida’ e de tudo o que pertence à vida.”

Conforme Scheler citado por Gomes (2003, p. 33), “um ser ‘espiritual’ não está mais vinculado a pulsões e ao meio ambiente. Ao contrário, ele está muito mais ‘livre do meio ambiente’, e, como gostaríamos de denominá-lo, ‘aberto para o mundo’”. Assim, por valores espirituais estão aqueles separados do somático e do mundo, em torno desse tipo de realidade (NETO, 2004). São vivenciados pelo sentimento axiológico e guiados pelo amor e pelo ódio. Os valores estéticos ocupam uma posição inicial nesse nível hierárquico, como a beleza e seu contravalor, a feiura. Em íntima relação com o antecedente, aparece o valor da justiça e seu contravalor injustiça. Mas, o valor determinante desse escalão axiológico é a verdade.

Na filosofia scheleriana, o conhecimento humano diferencia-se de todo os demais conhecimentos, de maneira que, enquanto a ciência busca descobrir o fenômeno, o conhecimento vai atrás da verdade em essência. O filósofo não nega o valor da ciência, tida por lógica, mas o valor da verdade humana está muito além de toda técnica (NETO, 2004). Pertencem aos valores espirituais os sentimentos de agradar e desagradar, aprovar e desaprovar, apreço, menosprezo e simpatia (CADENA, 2013).

Tomando como referência o estudo feito por Pereira (2000), os valores schelerianos são dimensionados por cinco critérios, a saber: durabilidade; divisibilidade, fundamentação, satisfação e relatividade. Dois deles são postos em destaque, pois trazem suporte ao estudo proposto: a durabilidade e a satisfação. A durabilidade é um elemento essencial dos valores superiores, de modo que, quanto mais permanentes (ou quanto mais permaneçam naquilo que são), mais bem posicionados hierarquicamente estarão na escala axiológica. Em contrapartida, os valores inferiores são fenomenologicamente mais transitórios e efêmeros (NETO, 2004).

Sob o aspecto da durabilidade dos valores Schelerianos, mostra-se oportuno tecer uma conceituação acerca dos valores éticos, os quais podem ser vistos como critérios ou preferências qualitativas, convencionadas ao longo da história, como sendo ideais às relações e à vida humana em geral. Na classificação axiológica de Scheler (2012), se posicionam como valores superiores, essencialmente humanos, ligados ao “espírito” e que possuem estabilidade de terem “vencido” ou mantido sua integridade valorativa nas mais variadas épocas, lugares e culturas dentro da contínua história humana (PEREIRA, 2020). São, por exemplo: a vida, a liberdade, a responsabilidade, a dignidade, a honra, o respeito, a honestidade, a verdade, a justiça, a bondade, a família, a esperança, a humildade, o espírito de sacrifício, a obediência, o cuidado, a compaixão, o amor, dentre outras (WERNECK, 2010).

Uma atenção mais cuidadosa, dispendida aos valores éticos citados, desvela que cada um deles se apresenta realmente como um dever-ser, como um ideal superior, ou seja, possibilidades estáveis a serem perseguidas livremente pela consciência de cada pessoa, em cada uma das



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

situações da vida, tornando-se único e irrepetível quando realizado. É interessante notar que a orientação humana ao dever-ser dos valores éticos não se construiu por imposição desta ou daquela doutrina filosófica acerca do homem ou de visão de mundo; pelo contrário, deu-se a partir da vivência histórica dos seres humanos, os quais afirmavam e reafirmavam indelévels os valores éticos.

Na filosofia de Scheler (2012), outro critério de mensuração e escalonamento de valores desponta sua importância fenomenológica e existencial para orientar os indivíduos em suas buscas e realizações. Está a se falar da satisfação, pois para Scheler (2012) citado por Pereira (2000), a satisfação é mais profunda quando se realiza na presença de valores; e quanto mais elevado for o valor dentro da escala hierárquica, mais profunda satisfação produzirá (NETO, 2004). Entender os critérios schelerianos de durabilidade e satisfação dos valores possibilita compreender a importância da busca e da vivência dos valores superiores ou éticos como potenciais promotores do bem-estar individual, interpessoal e coletivo.

A durabilidade destaca a estabilidade e a aceitação geral dos valores superiores, norteando a humanidade a um dever-ser ou ideal construído por ela própria. Por outro lado, a satisfação aponta os valores éticos ou superiores como lugar mais apropriado para realização humana. Realizados esses apontamentos quanto à natureza da incompletude humana, formadora de um homem tendente a preencher-se de sentido pelo encontro e realização de valores éticos ou superiores, passa-se em seguida à exposição da temática da autorregulação de valores, como um mecanismo útil ao caminho do aperfeiçoamento pessoal com vistas à aproximação, ao favorecimento e possível consecução do cuidado integral.

Nesta perspectiva, pode-se entender que a apreensão dos valores pode ser autorregulada, especialmente visando o enfrentamento de questões contemporâneas que os obnubilam da consciência e das práticas atitudinais. A exemplo, teríamos: o pobre contato com a vida experiencial e sentida, base da apreensão dos valores, principalmente em uma sociedade obstinada e racionalista; a superficialidade nos relacionamentos midiáticos; o extenso estímulo quanto ao papel profissional abusivo em detrimento às experiências de valores vivenciais ou até criativos, como em Frankl (JESUS, 2018); o estímulo a banalização da vida, com o foco no prazer imediato e transitório, assim como a relativização da utilidade e da durabilidade de valores universais, impedindo a subida hierárquica na escala de valores em Scheler citado por Cadena (2013), a se chegar nos valores éticos, morais e religiosos que transcendam a dimensão biológica.

Para conferir base a este aspecto que é a autorregulação, fundamental na agência dos valores, visando apreensões de cuidado quanto a si, seus projetos, o outro ou a comunidade, pode-se definir a mesma como a capacidade de monitorar e controlar nossos próprios comportamentos, emoções ou pensamentos, alterando-os de acordo com as exigências da situação, através de uma série de estratégias pessoais que permitem tanto a consecução de objetivos como a evitação de resultados indesejados. Isto contempla inibir reações automáticas, resistir a interferências de estímulos irrelevantes e persistir em tarefas importantes, mesmo quando não as apreciamos.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

Segundo ZIMMERMAN (1995), a autorregulação é vista como um mecanismo de controle interno, consciente e voluntário, que orienta o comportamento, pensamentos e sentimentos pessoais, mantendo como referência as metas e padrões pessoais de conduta por si estabelecidos, sendo uma das competências que permite definir objetivos pessoais e caminhar em direção a eles. O processo abrange uma diretriz motivacional, já que inclui a iniciativa pessoal e a persistência, notadamente na superação de obstáculos.

O indivíduo exerce o controle antecipadamente pela capacidade de antecipação, além de monitorar e modular a emoção, a cognição e o comportamento, para atingir um objetivo e/ou adaptar às demandas cognitivas e sociais para situações específicas (SROUFE, 1995). Trata-se de um processo de autodireção e adaptação ao meio, a partir de um ajuste tanto pessoal como social. A habilidade autorregulatória permite analisar o ambiente, responder ao mesmo e uma criar uma modulação dessa reação, tendo em vista promover uma adaptação ao meio, em conformidade com o que se pretendeu e planejou realizar.

Esta capacidade tem grandes implicações no desenvolvimento pessoal, no ajuste social e no bem-estar geral da pessoa. Cumpre destacar que as dificuldades de autorregulação provocam problemas nas relações interpessoais e são um fator de risco para o abuso de substâncias, transtornos emocionais como depressão e ansiedade e para o desenvolvimento de comportamentos impulsivos ou agressivos. Bandura (2002) ressalta que as pessoas possuem em seu poder competências para agir de forma intencional sobre as situações que experienciam, designam-se, como agentes. Neste contexto, as pessoas são auto-organizadas, autorreguladas, reflexivas e capazes de contribuir para as suas circunstâncias de vida, podendo exercer algum controle sobre os seus pensamentos, sentimentos e ações.

Bandura (1986) sistematiza a discussão sobre os mecanismos de autorregulação. Segundo o autor, as pessoas não são apenas agentes de ação, mas também auto-examinadoras sobre seu próprio funcionamento cognitivo, afetivo e comportamental. As fases ou processos da autorregulação contemplam:

- Fase de planejamento: na qual se produz uma análise da situação, um estabelecimento de objetivos e uma organização e programação deles, assim como uma conexão com aprendizagens anteriores;
- Fase de execução: na qual se coloca em prática ou se executa o comportamento;
- Fase de autorreflexão: avaliação e valoração dos resultados alcançados. Esta fase é de grande importância, uma vez que a autorregulação se retroalimenta com base nas experiências e consequências delas.

Os componentes da autorregulação abrangem:

- Metacognição: consciência e capacidade de refletir sobre o próprio pensamento;
- Autoconhecimento: reconhecimento da própria pessoa, das suas qualidades, forças e fraquezas. Está relacionado com a capacidade de introspeção;



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

- Autocontrole: a habilidade para manter o foco e direção da ação;
- Automonitoração: observação e supervisão do próprio comportamento;
- Autoeficácia: confiança nas próprias capacidades para atingir as metas definidas;
- Automotivação: impulso para perseverar no que se pretende conseguir, mantendo o otimismo e entusiasmo de forma autônoma;
- Flexibilidade mental: capacidade de adaptação do comportamento às condições do meio em constante mudança;
- Inibição comportamental: habilidade para travar o comportamento e substituí-lo por outro mais adequado;
- Autoavaliação: capacidade para valorizar e julgar a própria atuação e realizar uma aprendizagem.

Bandura, Azzi & Polydoro (2008) referenciam o trabalho de Zimmerman (1990), destacando a importância da competência de autorregulação no desenvolvimento pessoal do indivíduo e nas oportunidades de vida que se lhe apresentam, onde “os indivíduos que são bons autorreguladores expandem o seu conhecimento e suas competências cognitivas, enquanto os que são maus reguladores são deixados para trás” (2008, p. 79).

Desta forma, as pessoas não reagem diretamente aos estímulos do meio externo, mas à percepção que têm dos mesmos através da mediação dos processos cognitivos, que afeta a forma como esses estímulos são observados, compreendidos e qual o seu impacto. Adicionalmente, a capacidade de simbolização permite ao indivíduo criar e planejar antecipadamente um plano de ação, possibilitando a reflexão sobre as suas ações. Bandura (1991) infere que a capacidade de antecipação de eventos futuros converte-se, no presente, em elementos motivadores e reguladores do comportamento. Ao interferir na percepção do ambiente, criar autoestímulos e avaliar o progresso dos acontecimentos, as pessoas exercem influências sobre o seu próprio comportamento.

Todavia, a capacidade de antecipação pode evidenciar algumas questões. Se os resultados pretendidos forem demasiado distantes ou gerais, podem causar alguma dificuldade face à necessidade de moldar ações específicas com vista à obtenção dos resultados esperados. Então, as pessoas criam automotivadores para o plano de ação a fim de concretizar os resultados desejados. Bandura (2002) considera que as pessoas são motivadas e orientam o seu comportamento quando estabelecem metas para si e não apenas quando reconhecem as suas limitações.

Bandura, Azzi e Polydoro (2008) consideram que, através da autoconsciência, as pessoas refletem sobre a sua autoeficácia, os seus pensamentos, ações e significados, fazendo ajustes quando necessário. A autoconsciência e a autoeficácia respeitam as competências individuais do sujeito que se desenvolvem em interação com o meio. Compete ao indivíduo apropriar-se das oportunidades do meio, no sentido de se formar a si próprio, o que se designa de autodesenvolvimento. A perspectiva de autodesenvolvimento envolve a capacidade que as pessoas têm em moldar as suas circunstâncias de vida através do autocontrole.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

De forma a exercerem influência sobre si próprios, os indivíduos devem monitorar o seu comportamento, avaliá-lo face algum padrão pessoal e reagir autoavaliando-se e regulando as suas ações (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008). O processo de autorregulação contempla três componentes psicológicos fundamentais que podem se desenvolver e mobilizar para mudanças autodiretivas voltadas para os objetivos pessoais: a auto-observação, os processos de julgamento, e a autorreação, possibilitadas pelos anteriores (BANDURA, 1986). Este ciclo não é linear ou mecânico, pois estas subfunções só operam quando ativadas pelo indivíduo.

A auto-observação é o primeiro passo para a autorregulação, uma vez que, para monitorarem o seu comportamento em direção a metas estabelecidas, as pessoas necessitam de uma consciência clara sobre o que estão fazendo e a percepção das condições cognitivas e ambientais em que as situações ocorrem (BANDURA, 1986). A auto-observação envolve a atenção seletiva relacionada a aspectos internos (pensamentos, sentimentos e estratégias) e externos (contexto, reações dos outros e obstáculos) e promove a adequação de estratégias para identificar e controlar fatores pessoais, sociais ou ambientais e detectar a relação entre o que foi concretizado e o esperado.

De forma geral, no processo de autorregulação, as pessoas monitoram a sua conduta e as condições em que ocorrem, avaliam-na em função do seu padrão moral e circunstâncias percebidas e regulam as suas ações através das consequências a que se submetem. As pessoas tendem a concretizar planos que trazem satisfação e um senso de autovalor. A autorregulação não respeita somente a habilidade de autorregulação propriamente dita, mas a crença na própria capacidade de realização (BANDURA, 2002).

Outro mecanismo central no processo de autorregulação é a crença de autoeficácia. Além das próprias competências de autorregulação, este processo requer uma forte crença na própria capacidade de realização (BANDURA, 2002). Este conceito encontra-se fortemente associado às crenças das pessoas na sua capacidade em mobilizar os seus níveis motivacionais, recursos cognitivos e cursos de ação necessários para estabelecer metas e exercer controle sobre os acontecimentos do meio ambiente. Quanto mais forte for a percepção de eficácia de autorregulação, maior a persistência no esforço de autocontrole e maior o sucesso em envolver-se em atividades pouco atrativas e em resistir à pressão social para agir contra os padrões pessoais.

Um baixo nível de eficácia de autorregulação aumenta a vulnerabilidade à pressão social, favorecendo a conduta transgressiva (BANDURA, 1991). Alguns autores pontuam a grande importância das crenças de autoeficácia em relação ao funcionamento humano, já que o nível de motivação, os estados afetivos e as ações das pessoas baseiam-se mais no que elas acreditam do que no que é objetivamente verdadeiro (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008) Consequentemente, pode-se prever como as pessoas podem agir a partir das suas crenças nas suas capacidades. As percepções de autoeficácia podem contribuir para determinar o que os indivíduos fazem com o conhecimento e habilidades que possuem, o que nos ajuda a compreender por que, por vezes, os



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

comportamentos das pessoas não se relacionam com as suas capacidades reais, o que ocorre a partir das percepções de autoeficácia disponíveis à pessoa.

Os julgamentos de eficácia não respeitam, necessariamente, os resultados pretendidos pelo indivíduo. De acordo com Pajares e Olaz (2008), as crenças de autoeficácia ajudam a determinar os resultados que se esperam. Os indivíduos confiantes visualizam resultados bem-sucedidos.

Finalizando, a autorregulação possibilita a destreza para pensar antes de agir, possibilitando o controle de emoções e impulsos desordenados que dificultam ou impossibilitam a consecução de objetivos mais amplos. O não desenvolvimento desta habilidade pode gerar dificuldades de planejar e de criar estratégias eficientes para superar as adversidades usuais do cotidiano, tanto quanto comprometer a regulação dos valores como base do comportamento, variando as possibilidades de ações não apenas no alcançar de metas, mas na projeção de ações de cuidado integral (que contempla vários aspectos harmonizados da pessoa, e não um em detrimento dos demais) para consigo mesmo, seja em sua vida pessoal, familiar, profissional ou social, visando experiências de realização satisfatórias.

4. Considerações Finais

Considerado em sua integralidade ou nos seus diversos domínios existenciais, o ser humano tende a se completar e a se realizar por meio de um cuidado que o contemple em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais, culturais e espirituais (SANTANA *et al.*, 2021a). Esta integralidade do cuidar abrange, segundo Furrow (2007), um existir equilibrado, no qual os diversos aspectos da vida estejam em sintonia e paridade, permitindo que um deles não se desdobre demasiadamente sobre o outro e a pessoa possa absorver a riqueza humana, contida em cada um desses domínios. Nessa perspectiva, um conceito de saúde promissor não deveria centrar-se em aspectos isolados da pessoa, como o estado fisiológico ou o psíquico, mas precisaria recair sobre o todo constituinte dela, abarcando também suas necessidades e vivências sociais e espirituais. É o que diz Boff (1998), quando pelas tradições da filologia resgata um conceito de saúde afeto ao sentido de cura que se presta pelas relações de amizade e amor, claramente, uma noção integrativa, que se expande para além do meramente psicofísico e patológico.

O estudo teórico-correlacional, realizado neste artigo, entre o conceito de cuidado, os pressupostos e as bases conceituais da logoterapia, bem como a teoria da autorregulação de valores, tornou possível o apontamento de algumas considerações importantes à temática proposta – a saúde e a atenção integral da pessoa. Primeiramente, considerando a visão de homem proposta pela logoterapia, de um ser noético, este artigo coopera para evidenciar, dentro do conceito de cuidado, a preocupação com uma natureza humana que não só pode vir a viver sob a orientação dos valores, como prima e possui uma vontade essencial por buscá-los e realizá-los.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

Por outro lado, considerando a visão de mundo logoterapêutica, de um ser humano que não se realiza em torno de si mesmo, mas, sim, pela dinâmica da autotranscendência¹, a logoterapia contribui em trazer ao conceito de cuidado a ideia de existência, a partir de valores objetivos (imperativos), e reafirma a lógica de um ser humano que ocupa uma dimensão temporal e nesta transita, impulsionado pela tensão básica entre o ser e o dever-ser, que o conduz a possíveis realizações de aperfeiçoamento (AQUINO *et al.*, 2013). É a existência livre-responsável, identificada na vida humana por Frankl (2020).

Um último ponto a se considerar quanto às possíveis contribuições deste artigo diz respeito à articulação feita entre os conceitos da noodinâmica², empregado pela logoterapia, e o da autorregulação de valores para o favorecimento da consecução do cuidado integral proposto. Dessa combinação teórica, este artigo sugere, a partir do pressuposto logoterapêutico da natureza de incompletude humana, que a autorregulação de valores éticos ou superiores serve de mecanismo útil ao aperfeiçoamento pessoal, colaborando, possivelmente, com a realização do cuidado integral.

Embora, até aqui, tenham sido descritos importantes pontos de contato entre as teorias e os conceitos envolvidos, o que sugere sintonia e congruência entre as bases da logoterapia, a noção de cuidado integral proposta e o processo de autorregulação de valores, um contraponto foi identificado nos apontamentos bibliográficos trazidos pelo estudo, tornando relevante evidenciá-lo e esclarecê-lo: Em certo ponto do tópico 1, deste apanhado teórico, houve menção de um existencialismo que se concretiza pela vivência imediata do ser a nível pré-reflexivo a partir de Rogers (1992), Heidegger (1999) e Lisboa (1998). É de se notar, entretanto, nos termos empregados pela axiologia de Scheler (2012) e pela Logoterapia de Viktor Frankl (2011), que a existência humana é pensada e se constitui sobre uma realidade objetiva e prévia ao homem e que, portanto, impõe-no certa margem de adequação, ajuste, sugerindo uma existência humana a nível reflexivo, não pré-reflexivo. Aliás, essa existência, essencialmente reflexiva do homem, é corroborada pela ideia da dimensão noética ou propriamente humana pensada por ele, onde encontram-se os valores objetivos a nortear a vida e um homem cuja intenção primária não se esgota na experiência imediata do ser para, a partir daí, construir direcionamentos, mas na vontade de sentido que o faz, desde o início de sua existência, a “olhar” para um futuro ideal.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. A. A. de. **Logoterapia e Educação**: São Paulo: Paulus, 2019.

¹ Que o leva a voltar-se para fora de si mesmo, para vida, para uma missão, para o outro (Frankl, 2020b).

² Existência numa relação tensional entre o ser e o dever ser, entre presente existencial e futuro ideal (Aquino, et al., 2013).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

AQUINO, T. A. A. de; LUNA, A. E. A. L.; DE OLIVEIRA, A. L.; COSTA, D. B.; MARINHO, F. L.; DE SOUZA SALES, M. Z. L.; DE PAIVA, R. X. Correlatos valorativos da culpa. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, v. 7, n. 2, 2010.

AYRES, J. R. de C. M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 3, p. 16-29, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902004000300003>

BANDURA, A. **Self-efficacy**: The exercise of control. 5. ed. New York: W. H. Freeman and Company, 2002.

BANDURA, A. Social cognitive theory of self-regulation. **Organizational behavior and human decision processes**, v. 50, n. 2, p. 248-287, 1991.

BANDURA, A. **Social Foundations of Thought and Action: A Social Cognitive Theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1986.

BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. *et al.* **Teoria Social Cognitiva – Conceitos Básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARRETO, J. Os primórdios da Intersindical sob Marcelo Caetano. **Análise Social**, v. XXV, p. 57-117, 1990.

BOFF, L. **Saber Cuidar**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, L.; BOFF, Clodovis. **LIBERTAD Y LIBERACIÓN**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982. Disponível em: <http://servicioskoinonia.org/biblioteca/teologica/BoffLyCLibertadYLiberacion.pdf>.

BRESSER-PEREIRA, L. C. A reforma gerencial do Estado de 1995. **Revista de administração pública**, v. 34, n. 4, p. 7-a, 2000.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da Logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. Petrópolis: Vozes, 1991.

FRANKL, V. E. **Logoterapia e Análise existencial**: Textos de seis décadas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e Existencialismo**: Textos selecionados em Logoterapia. São Paulo: É Realizações, 2020.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e humanismo**. São Paulo: Ideias e Letras, 2019a.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo: Quadrante, 2019b.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia para todos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

FRANKL, V. **On the theory and therapy of mental disorders**: an introduction to logotherapy and existential analysis. [S. l.]: Routledge, 2005.

FURROW, D. **Ética**: conceitos-chave em filosofia. Tradução: Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1999.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta, Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

HEIDEGGER, M. **The fundamental concepts of metaphysics**: World, finitude, solitude. Indiana: University Press, 1995.

HEIDEGGER, M.; CRITELLI, D. M.; SPANOUDIS, S. **Todos nós--ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Editora Moraes, 1981.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

KANT, I. **Crítica da razão prática**. Petropolis: Editora Vozes, 2017.

LA CADENA, N. B. de; CASTANÓN, G. A. Fundamentos Schelerianos da Logoterapia. **Phenomenology, Humanities and Sciences**, v. 1, n. 1, p. 121-131, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/42646391/fundamentos_schelerianos_da_logoterapia

LISBOA, M. D. B. A miséria da crítica heterodoxa: Segunda parte: método e equilíbrio na tradição neoclássica. **Rev. Econ. Contemp.**, v. 2, n. 1, jan./jun. 1998.

MATURANA, H. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MATURANA, V. **A Árvore do Conhecimento**. Campinas: Psyll, 1995.

MILL, J. S. **Princípios de Economia Política-Stuart Mill**. [S. l.]: LeBooks Editora, 2019.

NASCIMENTO, A. C. da C.; CALDAS, M. T. Dimensão espiritual e psicologia: a busca pela inteireza. **Rev. abordagem gestalt.**, v. 26, n. 1, 2020.

PEREIRA, L. **Manual de processo do trabalho**. São Paulo: Saraiva Educação, 2020.

RODRÍGUEZ, L. M.; RUSSIÁN, G. C.; MORENO, J. E. Autorregulación emocional y actitudes ante situaciones de agravio. **Revista de Psicología**, v. 5, n. 10, p. 25-44, 2009.

ROGERS, C. **Terapia Centrada no Cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROSA, G. M. D. O.; PULINO, L. H. C. Z. O humano em Soren Kierkegaard e em Viktor Frankl. **Memorandum**, p. 1-21, 2020.

SANTANA, C. M. L.; DOMINGOS, L. F.; ZANATTA, C. Spirituality beliefs and sense of life realization: A social cognition research. **International Journal of Development Research**, v. 11, 2021a. DOI: <https://doi.org/10.37118/ijdr.22379.07.2021>

SANTANA, C. M. L.; DOMINGOS, L. F.; ZANATTA, C.; TELLES, L. C. O Homem em busca de sentido, frente a diversidade cultural. In: ZANATTA, C.; SANTANA, C. M. L.; CAMPOS, L., A. M. (Org). **Cognição social e Logoterapia**. Curitiba: Editora CRV, 2021b. DOI: <https://doi.org/10.24824/978652510961.9>

SANTANA, C. M. L.; ZANATTA, C. **Espiritualidade e Sentido de vida**. Curitiba, PR: CRV, 2021. DOI: <https://doi.org/10.24824/978652510919.0>

SCHELER, M. **A reviravolta dos valores**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHELER, M. Bericht über die Arbeit am philosophischen Nachlaß Max Schelers. **Zeitschrift für philosophische Forschung**, p. 597-602, 1948.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BASES CONCEITUAIS DA LOGOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO INTEGRAL E
PARA A AUTORREGULAÇÃO DE VALORES
Rui Carlos Stockinger, Thiago Assinger Cavalcante, Marcelo Sili Reis, Cléia Zanatta,
Cláudio Manoel Luiz de Santana, Luiz Fabio Domingos

SILVEIRA, D. R.; GRADIM, Fernanda J. Contribuições de Viktor Frankl ao movimento de saúde coletiva. **Rev. abordagem gestalt.** Goiânia, v. 21, n. 2, 2015. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000200005

SROUFE, L. A. **Emotional development:** The organization of emotional life in the early years. New York: Cambridge University Press, 1995.

UCHÔA, D. M. Tomás de Aquino y la psicopatología. Contribucion al conocimiento de la Psiquiatria Medieval. E. Eduardo Krapf. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 1, n. 3, p. 315-316, 1943.

UCHÔA, R. F. Autorregulación, metacognición y evaluación. **Acción pedagógica**, v. 9, n. 1, p. 4-11, 2000.

WESTPHAL, M. F. O modelo de atenção na perspectiva de saúde integral: a promoção de saúde e a estratégia de municípios saudáveis. **Revista de Políticas Públicas – SANARE**, São Paulo, v. 2, n. 3, 2000. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/66>.

ZIMMERMAN, B. J. Self-regulation involves more than metacognition: A social cognitive perspective. **Educational psychologist**, v. 30, n. 4, p. 217-221, 1995.

ZIMMERMAN, M. A. Taking aim on empowerment research: On the distinction between individual and psychological conceptions. **American Journal of community psychology**, v. 18, n. 1, p. 169-177, 1990.